

Reações em cadeia: molar, molecular e (des)mobilização das máquinas de guerra

Benito Eduardo Maeso* & Vladimir Lacerda Santafé**

Resumo: Deleuze e Guattari criam os conceitos de máquinas de guerra e revoluções moleculares buscando saídas para o impasse progressista no enfrentamento das formas de opressão contemporâneas. Porém, ambos os conceitos carregam características que apontam uma duplicidade de operação e o risco de seu funcionamento como caminho para reconfigurações mais opressivas por parte do sistema capitalista, descrito como forma de vida que permeia todas as instâncias sociais. Por exemplo, o próprio Deleuze enxergou o nazismo como máquina de guerra encarnada no Estado e, hoje, a milicianização da política e das relações sociais configura-se como uma força molecular terrível. Se a rota da grande revolução estaria bloqueada, o caminho seriam pequenas revoluções permanentes, que produzem novos fluxos de desejo e de ações, novas possibilidades de ser, sentir, pensar, agir? Ou essa afirmação operaria como um fetiche, com o julgamento equivocado de que a revolução molecular anularia a necessidade de uma revolução molar? Qual a *eficiência* de lutas moleculares? Quando uma luta de libertação social tenderia a transformar-se em seu oposto? Os populismos modernos seriam tão moleculares quanto as lutas e o ativismo das minorias ou apropriar-se-iam de uma tecnologia de combate para resultados nada minoritários?

Palavras-chave: Máquinas de Guerra; Molar; Molecular; revolução; eficiência

Chain reactions: molar, molecular and (de)mobilization of war machines

Abstract: Deleuze and Guattari posited the concepts of war machines and molecular revolutions while seeking way outs for the progressive standoff in the confrontation of contemporary forms of oppression. However, both concepts bear features that indicate a operational ambiguity and the risk of their working becoming a way for more oppressive reconfigurations of the capitalist system, seen as a way of life that pervades all social instances. For example, Deleuze himself saw Nazism as a war machine embodied in the State, and nowadays the becoming of politics and social relations into militia-like models configures a terrible molecular force. If the route for the Great Revolution is blocked, might the path be in smaller permanent revolutions, which produce new fluxes of desire and action, new possibilities of being, feeling, thinking, and acting? Or would this statement work as a fetish, from the misleading judgement that the molecular revolution would terminate the need for a molar revolution? What would be the efficiency of molecular struggles? When would a struggle for social liberation become its opposite? Would modern populism forms be as molecular as minorities' struggles and activism, or would they hijack a technology of confrontation in order to achieve non-minoritarian results?

Keywords: war machines; molar; molecular; revolution; efficiency

* Professor Adjunto de Filosofia do IFPR. Contato: benito.maeso@ifpr.edu.br

** Doutor pela UFRJ - Comunicação e Cultura. Contato: vladimirsantafe@gmail.com

O aparente beco sem saída no qual as lutas progressistas pareciam estar presas por volta da década de 1960 teve suas paredes dinamitadas pela ascensão das chamadas lutas das minorias e pelo surgimento de novas estratégias que tinham em comum a ação, visibilidade e postura política de grupos sociais à margem dos padrões dominantes. O pensamento político de Gilles Deleuze e Félix Guattari é pródigo em promover o deslocamento da compreensão da ação política, saindo das decisões macro (eleições, greves, embates partidários) para o micro, a ação direta de coletivos, “grupelhos” ou grupúsculos - termos usados pelos próprios autores em suas obras - para provocar impactos na (des)organização social.

Dois conceitos, em especial, são fundamentais neste deslocamento deleuzoguattariano: o par molar-molecular e as Máquinas de Guerra, buscando, a partir de seus sentidos de organização política, apresentar elementos que subsidiem uma resposta às questões relacionadas à eficácia e alcance de tais estratégias de combate em uma sociedade na qual o capitalismo passa por transformações radicais¹. A aposta dos autores é voltada à eficácia maior de pequenas ações revolucionárias, das organizações sociais e coletivas que funcionem ao largo dos modelos da democracia representativa (desde a conquista de cadeiras no Parlamento até as estratégias sindicais clássicas de paralisação, bandeiras e lutas para categorias específicas²).

Um problema das grandes estruturas de reivindicação apontado pelos autores – desde sindicatos até partidos – é o pouco ou nenhum espaço de representação³ ou de fala dentro de suas estruturas para grupos minoritários, minorias étnicas, sociais ou de gênero⁴ (tais grupos somente começam a ganhar mais espaço posteriormente), assim

¹ Diversos pensadores e pensadoras, como Toni Negri, Michael Hardt, Maurizio Lazzarato, Byung-Chul Han, Nancy Fraser, Angela Davis, Pierre Dardot, Christian Laval, etc., apontam que a transformação nas formas de enfrentamento do capitalismo ocorre de forma concomitante a uma transformação interna do próprio sistema, que abandona progressivamente seu caráter de massas e passa a assumir uma forma mais individualizada, inicialmente em grupos específicos de consumidores e desembocando na customização/individualização do processo de construção da economia e mentalidade capitalistas a nível individual. O capitalismo cognitivo, psíquico e alinhado com causas sociais é *Molecular* no sentido que a palavra possui neste texto. O estágio atual, da atomização, exhibe-se na migração violenta a formas de trabalho remoto e /ou precário durante a pandemia de COVID-19

² É importante lembrar que os eventos de Maio de 1968 marcam profundamente a adoção desta estratégia política molecular pelos autores, visto a ruptura entre o movimento estudantil e o movimento sindical, ligado ao Partido Comunista Francês, durante os eventos ocorridos na França no mês em questão. Talvez seja possível pensar a impossibilidade de agregação do campo progressista no Brasil desde junho de 2013 de forma análoga.

³ Aqui, representação não significa ontologia (visto que Deleuze e Guattari são críticos da representação de forma geral), mas especificamente de representação política em vias de tornar-se ontológica. A representação aqui não está ligada à semelhança ou à similitude, mas sim a uma efetivação institucional ou constitutiva do movimento, no sentido de sua conservação política e existencial.

⁴ Isso não quer dizer que Deleuze e Guattari desejem que as grandes estruturas simplesmente abram espaço para as reivindicações dos grupos tidos como à margem da sociedade, pois são profundamente

como a rigidez do etapismo revolucionário⁵ destas grandes estruturas. Porém, a crise dos modelos tradicionais de mobilização obriga repensarmos as formas de ação política e social para que, se a dita saída revolucionária realmente estiver bloqueada nas formas que a conhecemos, seja possível criar novas maneiras para dar ao desejo uma posição revolucionária, impedindo que este seja adestrado, capturado e controlado, estabelecendo laços sociais que não nos atomizem e, por conseguinte, não nos levem ao isolamento, tornando-nos presas fáceis para um novo totalitarismo.

Ao mesmo tempo, é preciso levar em conta que há a possibilidade das assim chamadas “revoluções moleculares” e os novos modelos de ação que as articulam correrem o risco constante de serem capturadas e mobilizadas para reafirmar o sistema que buscam combater. Ainda que as lutas sociais e seus agentes possam ocupar esse espaço de criação, de produção e exposição de subjetividades políticas, é preciso localizar o que seria molecular em suas práticas, e de qual tipo de molecularidade estamos falando. Por isso, entender como estes processos moleculares e suas “máquinas de guerra” operam em um terreno em constante modificação (a mutação constante do capitalismo) exige avançar no conhecimento destes conceitos. Da química à revolução, uma sociedade é um composto instável e potencialmente explosivo.

Molar e molecular

Os termos – originalmente do campo da Química - maior/molar e menor/molecular⁶ são profundamente detalhados por Deleuze e Guattari em sua análise sobre Kafka, ligados a uma compreensão de elementos da composição e produção

descrentes deste modelo. Apontar o problema significa a denúncia da impossibilidade desta forma de representação majoritária ser eficaz. Deleuze e Guattari abordam isso de maneira mais direta (o devir minoritário, a minoria como potência rizomática, o conceito de minoria como máquina de guerra) em *Mil Platôs*. Mas mesmo no *Kafka* já se encontra a ideia da busca por formas inovadoras de expressão daqueles que se encontram indelevelmente espremidos entre modelos majoritários.

⁵ A crítica deleuzoguttariana volta-se, aqui, contra a ideia de evolução e na teleologia embutidas em visões políticas que dão a queda do capitalismo como certa, sendo esta uma das grandes arengas de sua geração contra os ditames do Partido Comunista Francês e contra certa visão dogmática do marxismo. Para se contrapor a esses conceitos tradicionais da modernidade, eles criam conceitos como o “corpo sem órgãos”, “rizoma”, “ritornelo”, dentre outros que se espraiam tanto no *Anti-Édipo* quanto em *Mil Platôs*.

⁶ Molar – relativo a Mol, a unidade de medida que assinala a quantidade de átomos ou moléculas em determinada substância. Um Mol de qualquer elemento terá sempre a quantidade de $6,02 \times 10^{23}$ átomos ou moléculas deste elemento e será equivalente à sua massa atômica. Por analogia, Deleuze a usa como indicativo de totalidade, ou como referência a um padrão majoritário ao qual os indivíduos (moléculas) se adaptariam.

Molecular – relativo à molécula, associação de átomos, iguais ou diferentes, que se unem por ligações covalentes. Por analogia os autores pensam no molecular como a liberdade de associação, pensamento e ação de indivíduos e grupos para além das ligações “molares”, onde todos os átomos e moléculas são da mesma natureza.

literárias. Ser “menor” não é um juízo de valor de uma literatura, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida). A chamada literatura menor – a literatura que uma minoria faz dentro da língua ou literatura maior - elenca três características fundamentais: a) o “coeficiente de desterritorialização” – um tipo de não-pertencimento a um cânon ou uso consagrado da língua, abrindo espaço para experimentações; b) a ligação imediata entre indivíduo e política, pois “o campo político contaminou todo enunciado”. No mundo, indivíduo e sociedade existem em interpenetração, porém, isso é muito diferente de uma literatura “engajada” ou panfletária, e; c) o chamado agenciamento coletivo de enunciação: Kafka não é um líder ou uma vanguarda, mas aquele que, de certa forma, cristaliza aquilo que aquela comunidade quer dizer mas que ainda não encontrou sua voz⁷.

A definição da literatura maior se dá por contraste: versa sobre temas descolados do cotidiano, repete – em diversos níveis - a lógica do romance familiar dos séculos XVIII e XIX, cria cânon ou escola, está centrada nos conflitos e interações entre personagens que, apesar de estarem em um mesmo ambiente, parecem viver em uma bolha que os protege do mundo que os cerca.

Entendendo a literatura como um componente de expressão de uma sociedade, os significados de *menor* e *maior* estão diretamente ligados a processos e modos de vida. Se *maior*, ou majoritário, remete a padrões fixos e gerais, que funcionam como regras, o *menor* ou minoritário se desvia e se volta contra a configuração destes padrões abstratos. Para Deleuze, o maior se refere ao nada ou a ninguém, pois induz o ajuste a um modelo impossível de fato. Em contrapartida, o menor se expressa em momentos concretos de saída do padrão, sendo a enunciação coletiva surgida da constatação de que tal homogeneidade não existe na prática.

Pois a maioria, na medida que é analiticamente compreendida no padrão abstrato, não é nunca alguém, é sempre Ninguém — Ulisses —, ao passo que a minoria é o devir de todo o mundo, seu devir potencial por desviar do modelo. Há um "fato" majoritário, mas é o fato analítico de Ninguém que se opõe ao devir-minoritário de todo mundo. É

⁷ Conforme Deleuze e Guattari, uma das características fundamentais da chamada literatura menor é operar como um agenciamento coletivo de enunciação, ou seja, servir como veículo de vontades e desejos de uma comunidade que busca se expressar. Kafka não escreve em seu nome, e sim em nome dos judeus checos de Praga do início do século XX. No limite, a obra dele é a obra deles. Conforme THOBURN (2003, p.51) “O autor da literatura menor não é, estritamente, um sujeito ou representação de um povo, mas um evento ou singularidade, um ‘foco de criação’ composto”. Assim, Kafka cristaliza o que a comunidade quer dizer não como líder, mas como máquina de guerra, de forma coletiva.

por isso que devemos distinguir: o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo.⁸

A leitura deleuzoguattariana sobre tais modelos molares os conceitua como vazios⁹ – mostrando a dificuldade do reconhecimento dos indivíduos dentro do molde-padrão do Eu na sociedade – e o minoritário seria o espaço de experimentação, expressão e criatividade para quem, espremido por todo lado em modelos maiores, não vê modo de delimitar seu espaço onde poderia ser parte de algo maior já dado (o povo).

Ao transpormos este instrumental ao campo da política, o que poderia ser considerado um modelo majoritário ou “vazio”? Deleuze elenca o “proletário” soviético e o “homem do novo mundo” estadunidense como representantes desta categoria¹⁰ e, por definição, impossíveis de ser verificados na prática até por suas próprias “características”: compartilham uma ideia da construção de um novo tipo de homem sem predecessores ou particularidades. No primeiro caso, a sociedade de “camaradas”, composta pela proletarização universal. No caso dos EUA, a sociedade de “irmãos” - até no sentido religioso - nascida da imigração universal. Em ambos, há uma coletivização forçada embutida na promessa subjacente a estes modelos de liberação em relação aos conceitos “europeus” ou “burgueses”, conforme o caso, de família, nação e herança/propriedade privada. Porém, na prática, os modelos predecessores ressurgiram com maior vigor, e a coletivização abriu as portas para o surgimento de sociedades totalitárias.

Uma definição possível da política molar seria, então, a construção de uma unidade conceitual ou discursiva. Como tal construção ocorreria é um mistério: haveria a possibilidade tanto dos fatores molares agruparem-se de acordo com o interesse e as práticas sociais que os reforçam, criando um discurso “ideológico” que os liga – ainda que de forma contraditória – ou a possibilidade dos próprios fatores moleculares produzirem um corte no campo molar que o altere e reconstrua, desterritorializando elementos deste campo (criando dispositivos, práticas, novas instituições que organizam certa transversalidade entre molar e molecular) e os reterritorializando (reincorporando

⁸ DELEUZE, G; GUATTARI, F., 2011, p. 105. Esta citação aborda de forma mais direta o problema levantado na nota 4.

⁹ Esta visão, ainda estruturalista, ecoa o conceito laciano de significante vazio, um significante flutuante, um elemento que determina as ações e as falas do sujeito e que o guia na ordem simbólica. Este significante organiza a compreensão dos demais significantes, tendo valor imaginário e simbólico: no valor imaginário, é guia nas imagens ideais do sujeito que o norteia em seu comportamento e em sua personalidade. No simbólico, organiza estruturalmente a vida social do sujeito. A pergunta é como pensar agenciamentos ou organizações populares para além desta operação de significantes?

¹⁰ Cfe. THOBURN, 2003, pp. 16-17

ao léxico de práticas, instituições e táticas políticas) simultaneamente. Conforme Lazzaratto,

A transformação, o devir, a mutação se faz instalando-se “entre” estes dois níveis, passando e repassando as fronteiras como os bárbaros durante a queda do Império romano, traçando uma linha que impede o molar de se encerrar em modelos majoritários em fazendo do molecular a fonte de processos de criação e de subjetivação. As lutas atravessam os diferentes planos, mas a partir da construção de uma tensão entre o macro e o micro, entre o molar e o molecular, que ao convocá-los, ao construí-los como problema, criam as condições da transformação das relações de poder que os constituem¹¹.

O princípio de construção do coletivo está relacionado à profusão e heterogeneidade dos fatores que o compõem. Desta forma, é a multiplicidade das infinitas linhas de fuga, dos devires possíveis em constante imbricação, perversão e agenciamento, que acabaria por compor concretamente as formas molares. Ao afirmarmos campos políticos ou personagens conceituais políticos, inclusive em relação a nós mesmos, essa afirmação é secundada (mas pode ser simultânea ou até mesmo fruto) pela afirmação de um conjunto de características que estão implícitas na afirmação feita. Essa simultaneidade e referenciação histórica acaba por cristalizar um entendimento único de si e do processo, carregado de tradições e de suas ruínas, mas sem conseguir ressignificá-las.

Já o próprio termo “molecular” – uma multiplicidade discursiva que escaparia da unidade conceitual majoritária, mesmo que ainda de forma a relacionar-se com esta – pode ser pensado de diferentes formas, e dessa colisão¹² de significados espera-se que seu potencial revolucionário se descortine. Neste ponto, as manifestações e estratégias de grupos tidos como à margem da sociedade, de diversos matizes (sem-terra, sem-teto, movimentos afro, feminista, LGBTQ+, de mobilidade urbana, etc.), mostram-se como agentes de impacto nesses agenciamentos políticos, nessa criação de um campo de ação

¹¹ LAZZARATTO, 2004, p. 150. Deve-se tomar cuidado para não resvalar-se em um tipo de juízo moral interno ao par molar-molecular. Deleuze e Guattari, apesar de saberem das ambiguidades envolvidas nesta relação, concedem certo privilégio à micropolítica e o molecular em contraposição ao molar, ainda que o molecular não “se conserve” sem o molar, numa relação de pressuposição recíproca. Como será abordado mais tarde, o próprio fascismo pode ser lido como originário de um movimento molecular.

¹² Esta colisão de significados, que vemos por exemplo na apropriação e ressignificação de termos de outras áreas trazidos para as lutas sociais, pode ser vista em analogia com os experimentos de colisão molecular artificial realizados em aceleradores de partículas, que geram partículas e produtos residuais – que ocupam um papel mais importante do que pode parecer à primeira vista (o bóson de Higgs e a matéria escura, cruciais para o entendimento do universo, são exemplos de resíduos que até há pouco não eram considerados dignos de análise). Traduzindo em termos políticos: o resíduo da colisão de significados da ação política numa sociedade (expressa nas coisas mais apolíticas – se é que podem existir – como a cultura *pop*, o *trash*, o *kitsch*, a pornografia, o fundamentalismo evangélico, os *memes*) podem não ser o subproduto, mas a nervura e os pontos de gravitação da política, pois surgem de forma relacional às “partículas” mais “consolidadas”.

que escapa de fórmulas convencionais do fazer político por seu caráter de luta macro e micropolítica. O molecular seria a dimensão da práxis que consegue romper radicalmente com as formas vigentes de exploração e de dominação que se travam nas políticas do cotidiano, em esferas tão diversas como as pedagógicas, eróticas, econômicas, etc. A molecularidade teria o potencial de subverter os condicionamentos que são colocados tanto pela Indústria Cultural como pelos padrões culturais tradicionais, que oprimem indivíduo e sociedade.

Na política menor, para Guattari, a tarefa que se impõe é a de destituir dicotomias (homem/mulher; bem/mal; esquerda/direita; norte/sul) em proveito da afirmação de um presente muito mais caótico e múltiplo, o entendendo como uma profusão de fatores econômicos, culturais, étnicos, simbólicos, animais, de forma simultânea e híbrida¹³, uma aposta no poder da singularidade, no reconhecimento dela por parte do indivíduo ou grupo e o reconhecimento de que cada singularidade é atravessada pelas dos demais integrantes do tecido social.

A maioria não se define quantitativamente, mas pela sua hegemonia social e política. A maioria é sempre um conjunto numerável, um dado estatístico, e se constitui como axioma no corpo social que hegemoniza. Ela é sempre a meta a ser atingida, aquilo que os órgãos estatais projetam como ideal humano a ser alcançado. A ela opõem-se as minorias, que podem comportar um pequeno número ou uma maioria absoluta, indefinida. A minoria sempre se define como um conjunto não-numerado e proliferante.

O que constitui o não-numerável é a conexão entre os conjuntos, o “e” que não pertence a nenhum dos dois e que se afirma como linha de fuga. A axiomática estatal só consegue organizar os conjuntos numeráveis, das minorias ela forma sub-conjuntos que se aderem à *maioria*, que podem ser contados e controlados (estatuto das mulheres, dos homossexuais, dos negros, dos trabalhadores precarizados...). Às minorias restaria a tarefa de potencializar o não-numerável, ampliando suas conexões, afirmando um devir-minoritário de todo mundo.

A potência de minoria, de particularidade, encontra sua consciência universal no proletário. (...) Do mesmo modo, a questão das minorias é antes abater o capitalismo,

¹³ Como tratado em *Revoluções Moleculares* (1981), principalmente no capítulo “As lutas do desejo e a psicanálise”. Apesar da crítica às dicotomias, ambos os autores declaravam-se publicamente de esquerda e marxistas. A questão aqui é a postura deleuzoguattariana de que a política menor deve ser uma política das multiplicidades, uma política multitudinária, que agrega a diferença em sua unidade, é nesse sentido que eles propõem a destruição das dicotomias e a disseminação do devir-minoritário.

redefinir o socialismo, constituir uma máquina de guerra capaz de responder à máquina de guerra mundial, com outros meios.¹⁴

O caráter das revoluções moleculares, neste caso, significaria a capacidade de grupos e movimentos sociais de transformar não apenas as estruturas de produção e reprodução social, mas as relações sociais do cotidiano na construção de uma nova sociedade, sendo este um ponto chave para o entendimento da relação entre o molar e o molecular. Se o capitalismo evoluiu para modos de vida e cultura, além de sistema econômico, o caráter estratégico dos movimentos está em seu potencial de atuação e intervenção na dinâmica da dominação subjetiva¹⁵.

Mas é importante ressaltar que as cadeias de opressão e subjugação de grupos sociais não estão presentes somente na relação do Estado com esses grupos, ou na lógica econômica das classes, mas também nas relações interpessoais, nos preconceitos diários. Onde lê-se Estado, Deleuze e Guattari podem estar dizendo *hierarquias* em qualquer uma de suas formas. Desta forma, as próprias lutas ou ações minoritárias/moleculares correm o constante risco de serem capturadas pela maquinaria molar/majoritária, inicialmente pela redução das ações moleculares a um papel acessório em um conjunto tradicional de atuação, relacionando-as com a ideia de micro-sociedade e à ação em conjunturas localizadas em áreas geográficas restritas ou circunscritas a grupos pequenos, deslocados de lutas mais amplas e teoricamente de maior peso político para a superação do capitalismo.

Os movimentos populares funcionariam, nesta visão estreita, apenas como espaço onde despontam lideranças para atuarem posteriormente no sindicato e no partido, devendo apoiar a luta sindical e partidária, bem como levar à massa¹⁶ a ideologia do partido. Portanto, a partir *dessa noção* de molecularidade atribui-se um papel tático a estes movimentos. Porém, é problemático, no mínimo, pensar que tais movimentos populares não enfrentem também a contradição entre Capital e Trabalho.

¹⁴ DELEUZE, G.;GUATTARI, F., 1997, p.176. Neste trecho, com a devida licença pelo recorte, intentou-se mostrar como os autores franceses buscam delimitar a relação entre o molar (a “consciência universal do proletariado”) e o molecular, na questão das minorias. Isso será desenvolvido posteriormente neste artigo.

¹⁵ No capitalismo atual, do tipo imaterial ou cognitivo, a produção de subjetividade é dominante nas relações sociais, tal como previu Marx nos *Grundrisse*, em que o capital realiza a subsunção real do trabalho ao capital, isto é, ele engloba formas de vida em sua dinâmica, gerando uma biopolítica em sua gênese. Logo, a tarefa dos movimentos políticos que resistem ao capital, minoritários ou não, estaria justamente na criação de novas formas de vida para além do domínio e da captura capitalista.

¹⁶ É possível, também, perceber elementos ditos moleculares na imensa capacidade de aglutinação e captação social de movimentos como VemPraRua e seus assemelhados, com agentes e influenciadores galvanizando as reações que levaram o corpo “amorfo” da sociedade – a massa - a embarcar em suas pautas.

Vale salientar que os movimentos populares se organizam de diversas formas, a partir do molar e do molecular, havendo movimentos ligados a partidos e outros que se organizam de forma autônoma, sempre havendo fluxos moleculares os atravessando, independente das formas que eles adotarem.

Outro problema que pode estar relacionado a este processo de cooptação é derivado desta mesma contradição: a captura das demandas de grupos pela lógica do sistema capitalista, transformando reivindicações em produtos¹⁷. O mecanismo que torna a molaridade e a molecularidade processos simultâneos e não-antagônicos é o fato da sociedade capitalista não se restringir à produção de mercadorias, mas, como Marx observa, transformar toda a sociedade (o que inclui burgueses, proletários, relações sociais, maiorias e minorias) em uma imensa coleção de mercadorias¹⁸, produzindo objetividades e subjetividades simultaneamente. Integração e diferenciação simultâneas funcionam como motor das relações sociais de produção. É preciso pertencer e ser único, via elementos predefinidos pelo próprio ambiente social. Ao desejo de integração une-se sua imagem especular, o medo do isolamento, e o desejo de diferenciação, que carrega o medo da semelhança - ou do compartilhamento, em algum nível, daquilo que, em teoria, torna cada um “único”.

Se isso molariza, também pode molecularizar. Por essa razão, o conceito de devir é fundamental nas revoluções moleculares, na produção de máquinas de guerra e nas práticas políticas imbricadas a estas, pois abriga duas características importantes, dentro do proposto por Guattari e Deleuze: 1) a conexão entre singularidades como seu ponto de partida, dificultando a formação de identidades fixas, molares; 2) o fato de suas conexões se darem entre grupos que estão fora do arranjo “estável” da substância química chamada sociedade. Para esses teóricos, são impensáveis (será?) devires-homem, ou devires-branco, ou devires-rico.

As conexões dar-se-iam entre alteridades, criando novas formas de expressão e, ao mesmo tempo, novas visões de mundo revolucionárias. “Devir-alguma coisa” é

¹⁷ O trabalho de Nancy Fraser sobre a cooptação de certos segmentos das lutas feministas pela lógica da empresa, cooptação que passa a reduzir um problema complexo como a opressão do patriarcado na sociedade apenas a uma luta por salários iguais, ou seja, por poder de consumo e satisfação igual ao masculino, mostra que a equivalência abstrata operada pelo dinheiro e pela circulação e apresentação das mercadorias no campo social nunca pode deixar de ser objeto de crítica social séria. Esta apropriação e adestramento das lutas sociais, no formato denunciado pela autora, reproduz a ideia da aferição do valor da pessoa em sua equivalência em mercadoria-dinheiro. O ativismo de si é um fetiche de si, ou o quanto você “vale”, o preço de seu eu-produto no mercado. Quanto mais caro se é, mais o indivíduo se auto-deseja. Seria o “destino” de toda luta social ser cooptada pelo sistema, seguindo essa lógica?

¹⁸ MARX, K., 2014, p. 157.

embarcar nesse processo, criar novas formas de ver e ser no mundo. No fundo, todo mundo é uma molécula, um grupúsculo, uma minoria, em constante modificação.

Porém, ainda que, a partir da própria leitura deleuzoguattariana, as lutas moleculares abrangem também o combate à discriminação e, portanto, são lutas contra a ideologia dominante, é preciso lembrar que a complexidade e multiplicidades imanentes à sociedade faz com que as táticas e interpretações da teoria deleuzoguattariana que são centradas no ataque ao Estado acabem por reduzir, muitas vezes, o escopo de luta a uma relação na qual ou busca-se o acolhimento do Estado ou a negação de sua presença.

Tal tática acabaria por diminuir a capacidade desta luta em provocar impactos culturais – em todas as dimensões que este termo pode assumir - e também na difícil relação entre opressão cotidiana e a apropriação, por parte do capital, dos mecanismos que em teoria podem ser usados contra tal opressão. O padrão é absolutamente inatingível e irreal, porém aderimos e nos reconhecemos nele quase automaticamente, fazendo com que o papel do opressor surja como desejável para aqueles que se encontram hoje oprimidos.

Disso surge uma questão aparentemente paradoxal: será que realmente não é possível a existência ou o desejo a esses devires ditos impensáveis? Tal profusão não poderia acionar combinações estranhas de moléculas, que ao invés de liberar forças revolucionárias, liberaria forças de uma “revolução conservadora”, ou um desejo autêntico do oprimido em manter a estrutura, apenas trocando de lugar nela? Seria possível o devir libertário virar conservador¹⁹? Pensar esse paradoxo, sem nenhuma ilusão de decifrá-lo, requer assumir que o uso das táticas moleculares não é privilégio ou exclusividade de nenhum campo político, principalmente do progressista, até mesmo porque a operação desses conceitos varia de acordo com o cenário e inclusive de acordo com a localização, e que há a possibilidade de máquinas de guerra serem produzidas para, ao fissurarem a substância social, radicalizarem combinações de opressão e exploração.

¹⁹ Uma possibilidade da ocorrência desta reação indesejável está no poder molecular – isto é, difuso e efeito das relações interpessoais – de certas igrejas neopentecostais, onde muitos dos praticantes, em suas ações cotidianas pautadas pelas orientações do pastor, acabam por reforçar o poder molar destes, assim como o profetismo em torno de figuras apontadas pelos pastores como “Messias” ou “enviados” dos céus.

Atomismos sociais

Como existe em grande número, cada átomo possui em si mesmo a diferença que o distingue de todos os outros; logo, é em si mesmo uma multiplicidade. Mas ele existe simultaneamente na determinação do átomo, o que obriga a que a multiplicidade seja nele, de um modo necessário e imanente, uma unidade; isso acontece no átomo *pele simples fato de existir*²⁰.

Moléculas são feitas de átomos. Movimentos e grupúsculos, de pessoas, onde coexistem interesses individuais e coletivos. Deleuze e Guattari querem que pensemos e sintamos a nós mesmos, individualmente, como muitos, como forma de estabelecer as relações com os demais. Porém, a via contrária também é uma possibilidade, pelo simples fato de as pessoas existirem e nelas coexistirem identidade e multiplicidades: de uma molecularidade, recair-se-ia em um atomismo revolucionário, ou o que poderíamos chamar de *ativismo de si*, imagem especular do empresariamento do sujeito que caracteriza os tempos neoliberais ou a subjetividade dominante – o famoso empreendedor de si.

O novo molar é o sujeito que, para vencer a si mesmo, se volta contra o sistema pois vive-se imerso dentro de sua (ir)racionalidade - e sua linguagem, maneirismos e modos são reproduzidos (o uso de termos como *empowerment* nas lutas sociais, longe de ser uma subversão da linguagem empresarial, pode ser entendido como um reforço da ideologia competitiva que a palavra carrega). O neoliberalismo também tem, por mais estranho que isso pareça, um componente similar a ações moleculares: o novo molar é um paradoxo, pois ele está quase que totalmente molecularizado em suas relações sociais e na relação que estabelece com os dispositivos tecnológicos que utiliza como mediação. O desejo de uma ruptura com o trabalho em série, caracterizado na fábrica, torna-se um desejo de servidão embalado na ilusão da autonomia. Se “a fábrica cedeu lugar à empresa²¹” e “o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado²²”, isso ocorre pois a relação com a economia também passa a ocorrer de forma individualizada – ou molecular.

Se o sucesso ou fracasso econômico, social e relacional na sociedade neoliberal é responsabilidade exclusiva do indivíduo ou do grupo de indivíduos, a produção de engajamento é simultaneamente negação e confirmação do processo: o fetiche de ser

²⁰ MARX, K. 1972, p. 15.

²¹ DELEUZE, G., 1992, p. 224

²² *Ibidem*

ouvido e respeitado como formador de opiniões em um mar de opiniões e dados sem controle. A ideologia do sucesso e da competição como componente central das ideologias que historicamente posicionaram-se contra a necessidade de sucesso a qualquer preço. O espetáculo capturou totalmente a produção de subjetividade, criando um novo “molar” que paradoxalmente mimetiza o molecular.

Se o mundo é complexo demais para ser mudado, cada um muda a si mesmo e adota a mesma postura prescritiva, pois centrada em um conjunto de valores que assume como verdade apenas as crenças preexistentes do indivíduo e do grupo ao qual pertence. No entanto, sempre há capturas subjetivas que moldam os indivíduos ou os grupos. A lógica de competição do neoliberalismo é facilmente identificável na ausência de intersecção entre movimentos sociais com objetivos similares mas que concorrem entre si para a aceitação entre seus pares ou pelo conjunto da sociedade, seja em disputas pelo mercado das lutas sociais como na ilusão de atividade proporcionada pelas ferramentas *online*.

Mas se o uso das táticas moleculares não é privilégio do campo progressista, a reprodução de comportamentos e táticas molares não é exclusividade das forças reacionárias. As variadas formas de violência e discriminação, imbricadas ao capitalismo que as usa também para produzir mais-valor (assim como o próprio capitalismo usa as resistências a estas formas como produtoras de mais-valor), expressam todo um conjunto de forças difusas presentes também no campo popular, que tendem ao majoritário e se exercem seguindo padrões que orientam as ações das pessoas, formadas desde crianças para exercer tal comportamento.

O processo de “desconstrução” desses padrões, sozinho, não basta, assim como não adianta reprimir esse conjunto de forças, mas canalizá-lo para a reescrita das subjetividades, escapando ao máximo das amarras sutis dos modelos molares, e de uma nova sociedade, na qual a criação de novos horizontes e linhas de fuga pessoais possam gerar novos horizontes tanto no micro como no macropolítico, o que exige romper os paradigmas que regem os indivíduos cuja subjetividade é construída segundo os jogos de poder do capitalismo. Fundirmo-nos nuclearmente a nós mesmos pela fusão às demais moléculas.

A batalha conta o capital é também um combate constante contra as ferramentas ideológicas de exploração e de dominação social, os dispositivos simbólicos e materiais que sequestram a subjetividade dominante e a reproduzem, desde a produção da subjetividade do indivíduo e da constituição das linhas de fuga a partir das políticas do

cotidiano e de suas relações de poder, criando formas de contra-poder atualizadas. Mas há um desafio que talvez as teorias deleuzoguattarianas não deem conta por si próprias: uma maior proximidade e diálogo com as bases sociais para que se possa pensar em um poder ao mesmo tempo uno e múltiplo, simultaneamente, unificado e multitudinário.

Os movimentos moleculares miram a elaboração de novas formas de pensar e agir subversivas ao capitalismo, visto que este ainda possui formas eficazes de plasmar as discriminações e dominações presentes no cotidiano ao seu próprio funcionamento. Porém, convivem permanentemente com o risco de tornarem-se fiadores do sistema que julgam combater. Isso acontece por uma questão muito simples: molar e molecular são *estratégias*, não *posições* em um espectro político. E a mobilização de tais estratégias, que modulam os sujeitos em todos os níveis, pode ser nomeada no embate das *máquinas de guerra* em confronto (permanente) com os aparatos estatais. Uma luta que remonta aos primórdios da humanidade e da fabricação de seu universo simbólico e material.

As máquinas de guerra e a “substância” Estado

A máquina de guerra pode ser caracterizada como uma potência inventiva capaz de fissurar as organizações da máquina estatal (sedentária), abalando suas estruturas, escapando dos sistemas dominantes, inventando novas linhas de fugas. *A máquina de guerra é nômade*, ou aquele que cria para si outros modos de habitar no mundo, inventa seu próprio território, vagando por trajetos indefinidos como parte de sua existência. Logo, esta característica nômade é, de certa forma, análoga ao agenciamento coletivo de enunciação²³. Pensar a máquina de guerra como elemento exterior ao aparelho de Estado ou a situações de hierarquia é fundamental para, em tese, evitar a captura desta potência inventiva para fins de dominação ou opressão.

Porém, como já apresentado, é preciso lembrar constantemente que nem toda linha de fuga gerada por uma máquina de guerra – ou nem todo agenciamento de elementos moleculares – é libertadora ou, dito de outra forma, emancipatória. Podem

²³ O agenciamento coletivo de enunciação, tal como o “nômade”, é uma multiplicidade, vozes que se conectam a partir de uma configuração comum, se organizam de forma rizomática e se efetivam num espaço aberto em constante transformação.

existir linhas de fuga destrutivas, linhas de morte que não precisam depender da existência do Estado para se expressar ou que reforcem sistemas de opressão²⁴.

A própria compreensão de Estado precisa ser colocada em outros termos. Para além das estruturas institucionais ou da existência de chefes, o Estado se define pela criação de aparelhos que conservam o seu poder. Poder aqui entendido como algo que só funciona em cadeia, como algo circular e *desejante*, que não se exerce simplesmente por aqueles que o detém, mas que funciona e se exerce em rede, através dos indivíduos e dos dispositivos que ele constitui. O que define um *homem de estado* é a sua atuação, direta ou indireta, numa instituição que tem por fim conservar o próprio Estado, mantendo seus estratos e binômios em ordem, suas classes sociais e suas funções. É o Estado, através de seus aparelhos, que torna possível a distinção entre governantes e governados. Logo, o Estado é um *modo de vida*.

Assim como Hobbes anteviu que o Estado existia contra a guerra, a guerra, sob certas circunstâncias e condições determinadas, existe contra o Estado. Disso não se conclui que o outro do Estado seria um Estado de Natureza, mas antes uma outra formação social que conjura e impede a formação do Estado. Não se pode derivar a necessidade de criação do Estado da guerra primitiva, a guerra primitiva impedia que os grupos se fusionassem, ela sempre se dava por meio de “alianças”, sempre provisórias e instáveis.

O interesse dessa tese está, primeiramente, em chamar a atenção para alguns mecanismos coletivos de inibição. Tais mecanismos podem ser sutis, e funcionar como micro-mecanismos. Isso é nítido em certos fenômenos de bandos ou de maltas. (...) Para compreender esses mecanismos é preciso renunciar à visão evolucionista que faz do bando ou da malta uma forma social rudimentar e menos bem organizada²⁵.

Nesses bandos ou maltas, das organizações criminosas aos grupos políticos, e mesmo entre os bandos animais, a chefia se dá através de mecanismos complexos que inibem a formação de poderes estáveis, instaurando uma teia de relações imanentes. As maltas ou os bandos são grupos do tipo rizoma, em oposição ao tipo arborescente dos grupos que se concentram nos órgãos de poder do Estado. Eles são metamorfoses de uma máquina de guerra. O aparato estatal, ao contrário, sempre se organiza em torno de

²⁴ Nenhuma construção social tem, em si ou enquanto elemento constitutivo, um conjunto de valores que permitam afirmar uma suposta superioridade moral de uma sobre outra. A linha de morte citada pode se desenvolver de diversas maneiras, a partir da droga, como citado por Deleuze e Guattari, da criação de um grupo político, da construção de uma obra de arte, da criação de uma organização comercial, como a pirataria ou o tráfico, e todas essas construções se formam independente do Estado, ainda que elas se utilizem de seus aparatos em dados momentos

²⁵ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997, p.20

uma sociedade centralizada. E ainda que o Estado se aproprie desses grupos, ou que os mesmos se utilizem das lacunas deixadas pelo aparato, suas regras se diferem em natureza. “Tais formações animam uma indisciplina fundamental do guerreiro que impede a formação do Estado”²⁶.

O Estado sempre esteve em relação com um *fora*, sua definição não se dá opondo o *tudo* ao *nada*, mas o *interior* ao *exterior*. O Estado é soberania e a soberania só pode ser exercida sobre aquilo que ela interioriza. A forma-Estado, em sua interioridade, tende ao *reproduzir-se*, o Estado (a hierarquia) se apresenta em todos os seus polos, ele é homogêneo e público em sua *expressão*, o Estado nunca se oculta. Já a máquina de guerra, em sua exterioridade, se apresenta somente em suas *próprias metamorfoses*, ela está num circuito comercial, numa inovação tecnológica, na criação de um culto religioso, numa obra de arte; todos esses fluxos e *agentes* só se deixam apropriar pelo Estado de forma parcial e secundária.

O fora aparece simultaneamente em duas direções: grandes máquinas mundiais, ramificadas sobre todo o ecúmeno num momento dado, e que gozam de uma ampla autonomia com relação aos Estados (por exemplo, organizações comerciais do tipo “grandes companhias”, ou então complexos industriais, ou mesmo formações religiosas como o cristianismo, o islamismo, certos movimentos de profetismo ou de messianismo, etc.); mas também mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentárias contra os órgãos de poder do Estado²⁷.

Essas direções também estão presentes no campo social, elas se confundem e se misturam na malha das sociedades. Um grupo religioso pode ter se organizado em bandos no início de suas atividades (cristianismo, zen-budismo), ou uma companhia comercial marítima pode ter praticado a pilhagem típica da pirataria em seus primórdios. O que se torna evidente é que os bandos e as organizações mundiais são formações irreduzíveis ao Estado, e que seu elemento de exterioridade, sua potência, se apresenta como uma máquina de guerra polimorfa e difusa. “É um *nomos*, muito diferente da lei”²⁸.

O mundo moderno nos oferece hoje imagens particularmente desenvolvidas dessas duas direções, a das máquinas mundiais ecumênicas, mas também a de um neoprimitivismo, uma nova sociedade tribal tal como a descreve McLuhan. Essas direções não estão menos presentes em todo o campo social, e sempre²⁹.

²⁶ *Ibidem*

²⁷ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997, p. 23

²⁸ *Ibidem*, p. 24

²⁹ *Ibidem*, p. 23

Atualmente, a luta travada por diversos movimentos sociais e populares constitui um conjunto proliferante e múltiplo, que expressa o poder de resistência e criação das máquinas de guerra contra a axiomática mundial³⁰. A luta pelos axiomas – formas de operação, direcionamento de fluxos, criação de direitos, de instituições, de aparatos de proteção que constituem o Estado e que o fazem funcionar a favor da operação do capitalismo - é essencial a qualquer projeto de emancipação social e política, independente dos níveis em que se atua. A axiomática sempre desprende um conjunto infinito não-numerável através das máquinas de guerra que produz: luta por emprego, luta das mulheres pelo voto, luta dos imigrantes, dos trabalhadores precarizados, etc. Toda reivindicação é um ponto que a axiomática estatal não pode suportar. Quando os grupos ou pessoas que protestam determinam suas próprias soluções aos problemas sob condições particulares, e a partir de um processo horizontal de participação política, a axiomática entra em *surto*, ela é forçada a reorganizar os axiomas que a constituem e ditam sua dinâmica, ou pela via da *subtração* ou da *adjunção* de direitos e instituições, por exemplo. Vê-se aí o personagem do Particular como forma inovadora: “Que social-democracia não dá ordem de atirar quando a miséria sai de seu território ou gueto? Os direitos não salvam nem os homens, nem uma filosofia que se reterritorializa sobre o Estado democrático³¹.”

A potência das *minorias* não se mede pela sua capacidade de se inserir no sistema majoritário, mas pela sua capacidade de expandir os conjuntos não-numeráveis e suas multiplicidades expressivas sobre os conjuntos numerados, ainda que modificados ou revertidos.

A questão não é de modo algum a anarquia ou a organização, nem mesmo o centralismo e a descentralização, mas a de um cálculo ou concepção dos problemas que concernem aos conjuntos não-numeráveis, contra a axiomática dos conjuntos numeráveis³².

Mas, como não poderia deixar de ser, problemas sérios surgem a partir desta aposta política. A constante ameaça da captura das máquinas de guerra por estruturas de poder (independentemente de serem “estatais” no sentido direto) mostra seu inverso quando, contra o Estado enquanto instituição e molde, o bando pode imiscuir-se dentro de tal estrutura molar e subverte-la a seus interesses, ao ponto em que a estrutura estatal

³⁰ Podemos elencar o zapatismo, o movimento Occupy, as assembleias populares na Espanha, os movimentos autônomos que precipitaram os eventos de 2013 – ainda que tenha ocorrido uma contra-reação a partir destes mesmos eventos – e, mais recentemente, o Black Lives Matter como exemplos desta multiplicidade criativa.

³¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1992, p. 139

³² DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997, p. 175

funcione para a consolidação do poder do grupo menor. Essa relação, aliás, é recorrente nas estruturas estatais, sendo o Brasil um exemplo disso: um Estado patrimonialista muitas vezes dominado por pequenos grupos que, em algumas situações, vêm do crime organizado, como a milícia ou o tráfico. A ascensão nazifascista ou o poder das milícias e grupos paramilitares em países da América Latina são mais do que reterritorializações ou capturas, são *subversões* dos modelos molares, isto é, *linhas de fuga mortais*, suicidárias em sua dinâmica³³.

Reações em cadeias sociais e hibridizações

O que se torna essencial é conectar uma multiplicidade de desejos moleculares, conexão esta que pode desembocar em efeitos de "bola de neve", em provas de força em grande escala. Exatamente o que se passou no começo do movimento de Maio de 68: a manifestação local e singular do desejo de pequenos grupos encontrou em uma multiplicidade de desejos reprimidos, isolados uns dos outros, esmagados pelas formas dominantes de expressão e de representação³⁴.

Uma agitação molecular certamente reconfigura o arranjo interno do mol (ou seja, do molar), mas teria potencial para destruí-lo realmente ou apenas aumentaria sua dimensão? Utilizando o paralelo evocado algumas vezes neste texto com a Química, expandir a *desorganização* de um sistema significa também *aumentar seu tamanho* molar. Na segunda lei da termodinâmica, molar e molecular coexistem, não são antagônicos ou opostos e trabalham em simultaneidade, visto que talvez sejam facetas diferentes de um processo único. Na micropolítica também, sendo possível reorganizar tais elementos. Na macropolítica, isso leva a um paradoxo.

A revolução molecular é um processo que ocorre por engajamento e tensionamento de limites – e este tensionamento é, em si, uma máquina de guerra: quando uma demanda é molarizada ou obtida, outro agenciamento de forças busca tensionar o campo político-social, mobilizando afetos que posteriormente transformam-se em discursos racionais. É interessante comparar a fala de Guattari que abre este trecho com uma postagem que circulava pela plataforma de *microblogging* Twitter no dia 27 de abril de 2019, antes das eleições na Espanha, sobre artigo no jornal *El*

³³ Ainda que esta afirmação possa parecer crítica, ela é baseada na ambiguidade das linhas de fuga e das máquinas de guerra, ou seja, elas não são, necessariamente, libertárias, podendo ser, muitas vezes, capturadas por esses grupos de constituição fascista ou proto-fascista

³⁴ GUATTARI, F., 1981, p. 177

*Mundo*³⁵ onde comentava-se uma insatisfação difusa na sociedade espanhola às vésperas do pleito que se expressava, entre outras coisas prementes como emprego e renda, nas falas das pessoas ditas comuns que estariam fartas da “superioridade moral” do campo progressista e seus discursos sobre aceitação, tolerância e defesa das pautas de grupos minoritários (o que seria, ao final, a interferência de elementos moleculares em estruturas molares representativas). O interessante é que parte dessa “superioridade moral” era definida pelos entrevistados como sinônimo de uma postura interpretada como acusatória, agressiva ou paternalista em relação a quem pensasse de outras formas.

Novamente, uma questão prática coloca-se de forma incômoda: as revoluções moleculares, que ocorrem nos indivíduos³⁶ e grupos e depois se espalham pela sociedade, podem produzir devires neofascistas? As máquinas de guerra podem produzir linhas de fuga dos modelos molares que acabem por consolidar as piores características destes modelos? Seriam inautênticos ou “equivocados” os desejos que, ao buscarem se libertar do que consideram “molar”, como as formas de política representativa, acabam por galvanizar a insatisfação geral e difusa na direção de algo aparentemente paradoxal como o bordão brasileiro “liberal na economia, conservador nos costumes” ou a construção de um modelo de sociedade que é, em sua essência antissocial como o neoliberalismo da competição desenfreada de todos contra todos? Mas, a máquina de guerra é, em essência, uma potência exterior. A máquina de guerra vem de fora, ela é extrínseca – um guerreiro que rompe a sua formação original e redistribui os afectos e objetivos do grupo segundo devires sutis que só a terra pode emanar -, e uma multiplicidade se define por suas dimensões. Na máquina de guerra não há suportes estruturais, uma organização hierárquica ou um centro determinante, seu sistema é aberto, rizomático. Só há linhas e movimentos, suas raízes se espalham pela nuvem negra que se instaura quando não há mais história. Pois mesmo a micro-história reproduz codificações e sobrecodificações, ela está sempre relacionada ou é um reflexo

³⁵ O artigo em questão fazia parte de uma série de análises sobre os principais partidos que disputavam a corrida eleitoral espanhola e sobre quais seriam seus diferenciais aos olhos do eleitor. Neste, assinado por José Ignacio Torreblanca, discutia-se explicitamente sobre o poder de atração e convencimento do Vox (partido de extrema-direita espanhola) sobre os eleitores hoje em comparação com a ascensão do Podemos, de esquerda, nas eleições anteriores. O artigo foi pesadamente compartilhado nas redes sociais no fim de semana anterior à eleição. “¿Podrá Vox? - José Ignacio Torreblanca”. *Diario El Mundo*, 27 abril 2019. www.elmundo.es/opinion/2019/04/27/5cc2eebb21efa050518b45c0.html

³⁶ O termo “indivíduo” aqui não se refere a um ser que seja um fim em si mesmo, ou uma “ilha” e é usado para referir-se a um conjunto de processos de subjetivação que formariam tal ser. As revoluções moleculares possuem um caráter pré-individual e pré-subjetivo.

da macro-história, há sempre um segmento que a arregimenta. Além do mais, a filosofia é devir e não história, há uma coexistência entre planos, e não uma sucessão de sistemas.

Interessa opor as séries organizadas pelo *significante-despótico* ao *esquizo-revolucionário*. Criar linhas de fuga ativas que fazem passar os fluxos “subversivos” ou transformadores sob os códigos sociais que os querem canalizar. Instaurar um plano de pura imanência, - “o mais íntimo no pensamento, e todavia o fora absoluto”³⁷- e criar os conceitos que o povoam e lhe dão consistência. Para que isso opere, os autores propõem um método:

O conjunto da Pragmática consistiria em fazer o decalque das semióticas mistas no componente gerativo; fazer o mapa transformacional dos regimes com suas possibilidades de tradução e de criação de germinação nos decalques; fazer o diagrama das máquinas abstratas colocadas em jogo em cada caso, como potencialidades ou como surgimentos efetivos; fazer o programa dos agenciamentos que ventilam o conjunto e fazem circular o movimento com suas alternativas, seus saltos e mutações³⁸.

À esquizoanálise ou pragmática cabe analisar as linhas, os espaços e os devires, montar uma cartografia própria ao movimento que se desenrola e seguir os movimentos e os caminhos dados ou fabricados. Seria preciso improvisar, confundir-se com o mundo, ir de encontro ao caos, mas sem se deixar dominar por ele. Seria preciso entender as suas forças e a sua natureza, “o caos não deixa de ter seus componentes direcionais, que são seus próprios êxtases”³⁹ - pois que do caos nascem os meios e os ritmos.

Deleuze e Guattari confrontam o sistema *rizomático* (horizontalizado, não-hierárquico, de associações livres) da máquina de guerra ao *arborescente* (verticalizado, hierarquizado, causal e determinado) das “estruturas”, onde os elementos se inter-relacionam dentro de sistemas fechados, marcados por analogias, metáforas, arquétipos. Como a fixada por Lévi Strauss entre o xamã das sociedades tribais e o papel do psicólogo na contemporaneidade. Não há analogias, mas devires, devires-animais, devires-intensos e imperceptíveis, “sob o império de forças centrífugas que triunfam sobre a gravidade”⁴⁰, ou seja, que escapam da atração daquilo que seria o molar ou majoritário.

³⁷ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1992, p.78

³⁸ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1996, p.71

³⁹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 2012, p.61

⁴⁰ KLEE, P.. *apud* DELEUZE, G.; GUATTARI, F.; 1996, p. 159

A máquina de guerra se dá por *afectos*, por modos constituídos por intensidades, gradientes de intensidade, afectos “que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composição de velocidade entre elementos⁴¹”. O próprio *homem* é um modo infinito, e sua liberdade está em relação direta com sua potência de agir. Algo só é pelo seu poder de ser afetado, todo modo se define pelas afecções que o atravessam, que o modifica e o liga a outros modos, as afecções o constituem.

O *nomadismo* é a essência da máquina de guerra, a invenção nômade, homem-cavalo-arma, remete a um processo de desterritorialização que constitui e estende o território, tal qual o trabalho e a Arquitetura⁴² como modalidades pertencem ao Estado. A máquina de guerra está para a arma como o regime de trabalho, próprio dos Estados, está para a ferramenta. A arma é sempre projétil, está sempre relacionada a um vetor-velocidade. Daí a arma ser o elemento expressivo de uma máquina de guerra, a arma age e revida, ela não se articula por introcepção, é um elemento centrífugo, ela não talha os objetos segundo padrões pré-estabelecidos, “as armas são afectos, e os afectos armas”⁴³.

E se a língua é o signo do Estado, a ourivesaria é o signo das armas. Nas jóias não há uma linguagem que comporte estruturas gramaticais ou símbolos universais. As jóias não dizem nada, nelas só há expressões, grafismos intensivos, composição de afectos, são uma invenção nômade, uma invenção bárbara.

A terra não se desterritorializa em seu movimento global relativo, mas em lugares precisos, ali mesmo onde a floresta recua, e onde a estepe e o deserto se propagam. O nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização⁴⁴.

⁴¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997, p. 79

⁴² A arquitetura é aqui referida como analogia para a diferença e a relação entre a máquina de guerra e o Estado. Deleuze e Guattari, no platô 12, usam como exemplo o arco ogival, uma obra cheia de signos pagãos legada ao cristianismo pelos engenheiros nômades que, ao viajarem de cidade em cidade, colocavam-se a serviço da chamada *Ars Regia*. Um projeto arquitetônico não deixa de ser uma maneira de organizar, estriar, dispor e reduzir o espaço a um tipo específico de função, uma forma de posicionar fluxos de entrada, saída e circulação de pessoas no espaço. A máquina de guerra, por meio da arte, move-se em qualquer direção, sem tais impeditivos. O projeto arquitetônico, então, mostra-se um interessante híbrido entre a rigidez da disposição espacial e as linhas de fuga possíveis de serem geradas por seus elementos, como o desafio à gravidade efetuado pelos arcos mencionados anteriormente. Há um conflito entre a arte dita nômade, aberta a infinitas proposições, e as Belas Artes, ligadas ao Estado, que precisam da Obra para a manifestação de seu poder.

⁴³ *Ibidem*

⁴⁴ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1997, p.72

A máquina de guerra não está em relação direta com a guerra, a guerra lhe é apenas um suplemento. Para ser uma máquina de guerra é preciso que ela não se reduza ou seja capturada pela guerra e seus fins, sempre condicionados ao aniquilamento e a dominação de *outrem*. Um movimento artístico ou político podem ser uma máquina de guerra, na medida em que traçam para si um plano de consistência, uma linha de fuga criadora e um espaço liso onde podem se deslocar e se compor em relação direta com o *fora*. O Estado, definido como conversor e capturador, relativiza o movimento, o torna estriado, segmentado, para voltar a produzir o movimento absoluto, um novo espaço liso onde poderá controlar e cercar todos aqueles que engloba.

Quem está no extremo do espectro da direita enxerga-se como minoritário e como *outsider* até mesmo em relação à direita tradicional – ainda que não seja teoricamente, pois realiza-se enquanto maioria. Para quem participa destes movimentos, os discursos em questão citados na reportagem – tão caros ao campo progressista - são o “molar” que deve ser sacudido. Mas e quem apenas quer seguir sua vida, compartilhando das mesmas preocupações com trabalho, moradia, transporte e segurança, e que acaba realizando as ligações sociais com quem diz aquilo que elas esperam e que sabem manipular afetos como medo, ódio e esperança?

Algo está sendo dito no mundo nesse momento, mas é preciso traduzir o que é. Pode-se imaginar que boa parte das pessoas no planeta está tão enfeitiçada pelo capitalismo neoliberal⁴⁵ que não consegue sequer estabelecer uma relação empática com os outros “átomos”. Pode-se pensar que um grande contingente populacional não consegue perceber a concordância de seus desejos com os discursos progressistas, por um problema de comunicação. Pode-se imaginar também, e de forma não-excludente, que repousa nas pessoas um desejo de destruição sem sua contrapartida criadora ou vontade de reconciliação. Como exemplo, é bom lembrar que o *troll* de Internet que, em um comercial da *Sprite na Argentina*, foi confrontado com as pessoas que ele xingava e ofendia não mudou seu comportamento e ainda ganhou mais visibilidade⁴⁶.

⁴⁵ Que, ao mesmo tempo que é um grande conjunto de fluxos diversos, promove reterritorializações contínuas simultaneamente, sendo fragmentário e totalizante ao mesmo tempo. Nisso consiste seu feitiço: na capacidade de ultrapassar seus limites em todas as direções e, ao mesmo tempo, fixar novos limites que parecem intransponíveis, sejam estes enlances estatais ou na produção das subjetividades.

⁴⁶ A campanha, criada pela agência Santo (Buenos Aires), monitorou redes usando recursos de inteligência artificial para identificar o perfil mais raivoso e com o discurso de ódio mais contundente. No comercial, o *hater* foi colocado frente a frente com as pessoas que foram insultadas por ele. As vítimas, em uma bela demonstração de amor cristão, o perdoam, mas, conforme reportagem posterior, isso não parece ter sido o suficiente para que o rapaz mudasse seu comportamento.

Os populismos contemporâneos, que manejam de forma eficaz o par conceitual minoria e maioria (pois seu discurso é cambiante de acordo com a necessidade de fala e escuta do interlocutor, que ora se enxerga como injustiçado e pertencente a uma minoria tratada de forma desigual, ora se vê como parte de uma maioria que estaria em risco pela presença de minorias) usam táticas moleculares para a alteração do campo molar e com isso estão ganhando imenso espaço político, passando por debaixo do radar molar que poderia barrá-los. Aos progressistas, de nossos locais de fala, é preciso expandir os locais de escuta e a chamada interseccionalidade (ou compartilhamento de elétrons/pautas de luta, para retornarmos à metáfora que conduz o texto) visando estabelecer ligações sólidas entre o pensar emancipador e as camadas da população que mais sofrem os efeitos da opressão social sem que se recaia na ilusão da vanguarda ou no ativismo de si mesmo.

Ater-se somente à molecularidade nas ações enquanto procedimento pode criar, aos olhos dos que mais se beneficiariam da capacidade das lutas minoritárias em modificar o substrato de cultura e desejo que concorre para sua escravização, a impressão de que estas táticas e lutas querem produzir a diferença para poucos, estando descoladas de ligações com o real. Ainda que elas sejam a realidade que colmata o real em seu processo, pois o real não é somente simbólico, estrutural, ela também participa das experiências e de suas múltiplas dimensões. É forçoso admitir que os campos sociais mais facilmente relacionáveis com o que seriam movimentos moleculares, notadamente a chamada Academia e divisões/personalidades de movimentos sociais diversos, podem resvalar facilmente a um elitismo ou enimesmamento como reflexo de suas referências teóricas e dos seus modos de vida, seja pela posição do dito intelectual na sociedade como pela carga moral embutida na divisão fundamental presente em toda luta entre certo e errado, justo e injusto, etc⁴⁷.

Sem um agenciamento coletivo, uma vontade de mudança, uma insatisfação contínua contra a ordem estabelecida e as injustiças cometidas em seu nome, o pensador privado – o intelectual - torna-se anacrônico, se enfraquece, é capturado pela burocracia estatal ou imerso num buraco negro que lhe retira toda a vitalidade. O pensador privado não deve se entregar a nenhum meio, ele não deve pertencer a nada, nem a ninguém. Para se compor com uma máquina de guerra, para elevar o pensamento ao infinito, é

⁴⁷ A recente arenga a respeito do álbum visual ‘Black is King’, de Beyonce, serve como exemplo claro de todas as possibilidades deste problema ocorrer, em todos os campos, lados e âmbitos da discussão que se seguiu.

preciso que a potência de seu *pensar* transcenda os fins de um Estado. A partir dos contra-pensamentos, coloca-se o próprio pensamento em relação direta com o *fora*⁴⁸, com as forças do fora, com uma máquina de guerra nômade. É o *pensar* enquanto extensão de um plano de imanência que “absorve toda a terra”⁴⁹. A máquina de guerra se define, em resumo, pela convergência de um espaço liso onde os homens se descolam segundo o traçado de uma linha de fuga criadora, a guerra estaria nela como um objeto sintético (à maneira de Kant) ou suplementário (à maneira de Derrida), ainda que o Estado, através de seus aparelhos de captura, se aproprie da *máquina* e de seus espaços lisos, impondo seus fins e moldando suas forças (a instituição militar e o submarino nuclear são exemplos desse tipo de apropriação e conversão).

Assim, parece surgir uma questão relacionada tanto às máquinas de guerra como às tensões entre o molar e o molecular que estão envolvidas em suas produções: alcance e eficácia. O que é preciso para uma máquina de guerra ultrapassar os limites de suas subscrições ao real? Qual a real eficiência e eficácia das lutas moleculares se elas permanecem em suas fronteiras? Como, neste necessário processo de ultrapassagem de fronteiras, pode-se evitar que os sistemas de hierarquia procedam à captura do molecular? Em nosso tempo, infelizmente, a mentalidade e visão de que as ações moleculares promovem fissão social (ainda que severamente equivocadas) são elementos constitutivos da reação em cadeia que dá combustível ao reator do neofascismo ascendente em todo o mundo, que captura a insatisfação molecular e difusa e a usa como força para a subversão das hierarquias e do Estado a seus desígnios.

Referências bibliográficas

DARDOT, P. & LAVAL, C. *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. SP : Boitempo, 2016.

⁴⁸ O Fora, em Deleuze e Guattari, possui dois sentidos que podem ser compreendidos como complementares, a saber: o não-representável, ou o fora da representação, e; a consistência mesma do não-representável, ou a exterioridade das relações, o campo informal das relações. Daí pode-se dizer que o Fora não seria um objeto exterior ou reconhecível, mas o desconhecido, algo que não poderia ser simplesmente reconhecido. É algo a mais que captamos para além da percepção e que nos afeta para além dos sentimentos. Para Deleuze, o pensamento pensa o signo, algo externo ao pensar e que não depende deste, desconhecido por este e que surge em um encontro violento. O signo não é uma coisa, o fora não é simplesmente a realidade exterior: é aquilo que se percebe para além de todas as relações de forças possíveis. O lugar da errância, onde, por definição, ocorre o devir. Não é um outro mundo, mas um desdobramento deste: é este mundo virado ao avesso.

⁴⁹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F., 1992, p. 117.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. 2ª edição. Rio de Janeiro . Graal, 1988.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Kafka. Por una literatura menor*. Trad. Jorge Aguilar Mora. México : Ediciones Era, 1978.

_____. *Kafka: toward a minor literature*. Minneapolis : University of Minnesota Press, 1986.

_____. *Mil Platôs - Vols 1*. São Paulo : Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs – Vol. 2*. 2ª edição. São Paulo : Editora 34, 2011.

_____. *Mil Platôs – Vol. 3*. São Paulo : Editora 34, 1996.

_____. *Mil Platôs – Vol 4*. 2ª edição. São Paulo : Editora 34, 2012.

_____. *Mil Platôs - Vol. 5*. São Paulo : Editora 34, 1997.

_____. *O que é a Filosofia?* São Paulo : Editora 34, 1992.

FRASER, N. “O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história”. In *Revista Mediações (UEL)*. V. 14, nº2, 2009. DOI <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n2p11>.

GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo : Brasiliense, 1981.

LAZZARATTO, M. “Política da multiplicidade”. in PELBART, P.; LINS, F. (org.) *Nietzsche e Deleuze: bárbaros, civilizados*. SP : Annablume, 2004, p. 147-158.

LEMBO, A. & SARDELLA, A. *Química*. Vols. 1 a 3. SP : Ática, 1979.

MARX, K. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lucio Nogueira. Lisboa : Editorial Presença, 1972.

_____. *Grundrisse*. São Paulo : Boitempo, 2015.

_____. *O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo : Boitempo, 2011.

_____. *O Capital – Livro 1*. São Paulo : Boitempo, 2014.

THOBURN, N. *Deleuze, Marx and Politics*. Londres : Routledge, 2003.

Reportagens

“?Podrá Vox? - José Ignacio Torreblanca”. *Diario El Mundo*, 27 abril 2019. www.elmundo.es/opinion/2019/04/27/5cc2eebb21efa050518b45c0.html

“Sprite desarma hater em novo experimento social”. Meio&Mensagem Online.
<https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2019/04/12/sprite-desarma-hater-em-novo-experimento-social.html> acesso em 12 jul 2019 18:57

“Sprite coloca hater “frente a frente” com as vítimas, mas ele continua disparando ódio na Internet; vídeo”. Jornal Meia Hora. 17 abril 2019. Disp.
<https://meiahora.ig.com.br/geral/mundo-e-tecnologia/2019/04/5635293-sprite-coloca-hater-frente-a-frente-com-as-vitimas-mas-ele-continua-disparando-odio-na-internet-video.html> acesso 12 jul 2019 20:45

Recebido em 18/05/2020

Aprovado em 31/08/2021